

ALTERIDADES MBYA-GUARANI NO FACEBOOK – RELATOS DE UMA VIVÊNCIA DE PESQUISA

Fátima Rosane Silveira Souza – UNISC – fatimars11@yahoo.com.br

Este artigo traz relatos de aprendizagens vivenciadas nas alteridades indígenas, em pesquisa etnográfica (GEERTZ, 2013) realizada durante curso de Mestrado em Educação, na Universidade de Santa Cruz do Sul – RS, no ano de 2014, nas aldeias Mbya-Guarani, em Estrela Velha e Salto do Jacuí, municípios da região central do Estado. O objetivo da pesquisa era buscar compreender as relações estabelecidas pelos indígenas por meio das postagens e das comunicações realizadas no Facebook. O Facebook, para o guarani, é uma forma de comunicação e de atualização da cultura; um espaço de resistência e de alteridades. As alteridades ameríndias revelam uma profunda relação de completude e incompletude que vão fortalecendo e atualizando o modo de ser guarani e ensinando-nos outros caminhos para construção de uma cidadania planetária. A pesquisa intercultural trouxe importantes aprendizagens para a formação de uma consciência terrena e para a construção de uma cidadania planetária (MORIN, 2000; 2011), contribuindo para refletir sobre como equilibrar a concepção dualista, utilitarista e antropocêntrica do não-indígena com a concepção ameríndia de uma totalidade cosmológica e de um estar-sendo (KUSCH, 1986) - uma experiência de raiz messiânica de alteridade com a natureza – um estar-sendo na complexidade.

Palavras-chave: interculturalidade, complexidade, Facebook, estar-sendo, alteridade

O início da pesquisa

Quando iniciei os estudos no Mestrado em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul – RS – UNISC, no Grupo Linguagens, , pretendia investigar as aprendizagens e desaprendizagens na educação profissional. Tratava-se de uma pesquisa sem nenhum vínculo com saberes ameríndios.

Ao final de 2013, por circunstâncias inesperadas, foi preciso mudar a proposta de pesquisa. Foi nesse momento que dirigi meus estudos para a educação indígena.

E a primeira vez que estive em uma aldeia indígena, uma aldeia Mbya-Guarani, no final daquele ano, fui levada pelo desconhecimento e pelo estranhamento sobre o uso que os guarani faziam do Facebook. Fui à aldeia instigada pela inconformidade de um dos professores indígenas em relação ao cuidado e às reflexões dos conselheiros da aldeia sobre o uso dessa mídia social. O objetivo do projeto era compreender as relações estabelecidas pelos indígenas por meio do Facebook. Tecnologias e mídias sociais sempre foram temas de meu interesse. Ademais, é fala corrente entre os pesquisadores interculturais que os Mbya-Guarani preferem comunicar-se por meio do Facebook; é inútil enviar e-mail para um guarani; se enviar, avise pelo Facebook e aguarde resposta pelo mesmo caminho.

A ida à aldeia tinha como objetivo apresentar o projeto e solicitar a autorização para realizar a pesquisa. Tinha a companhia de colegas e da professora orientadora. Sabia que haveria uma reunião com professores indígenas e lideranças de duas aldeias - uma oportunidade para conhecê-los e dar-me a conhecer. O que poderia acontecer no encontro, não fazia ideia. Percorri os 150 km do trajeto num silêncio inquieto.

As aldeias indígenas Mbya-Guarani em que foi realizada a pesquisa estão localizadas nos municípios de Salto do Jacuí, *Tekoá Porã* (Aldeia Bonita), e Estrela Velha, *Tekoá Ka Agui Poty* (Aldeia Flor do Campo), região central do Rio Grande do Sul, Brasil.

As imagens que ainda remanescem em minha retina são testemunhas íntimas do desconcerto e do desconforto que tentei disfarçar ao chegar à aldeia Nenhuma etnografia estudada anteriormente dá conta desse momento. Todo o peso e a destruição da história colonial e colonizadora começaram a ser compreendidos.

Mas o momento também foi de gratos e amorosos encontros. A recepção das crianças, alegres e espontâneas, ajudou a descontraír. O chimarrão oferecido por eles ajudou a aquecer o coração. Embora fosse verão, eu sentia frio.

Fui apresentada aos caciques, aos professores, aos familiares e aos conselheiros. Todos já se encontravam no prédio da Escola onde aconteceria a reunião. No mesmo ambiente, crianças brincavam e o chimarrão passava de mão em mão. A língua oficial do encontro era o guarani¹, meu primeiro contato com a língua.

O cacique João Paulo, da *Tekoa Ka Agui Poty*, foi o interlocutor da minha solicitação. Durante a reunião, apenas os homens falavam. Perguntas dirigidas a mim em português, novas discussões em guarani. A autorização para a pesquisa foi concedida, acompanhada de recomendações de respeito ao costume e à cultura. A caminhada de cooperação que já vinha sendo construída pela universidade foram importantes para esse acolhimento.

Aquele encontro tornou-se a primeira lição sobre a cosmologia e o modo de ser guarani, o *mbyarekô*.

¹ Os Guarani pertencem à família linguística Tupi-Guarani, tronco linguístico Tupi; falantes da língua guarani. Schaden (1962), nas décadas de 1940-50, identificou nessa etnia três parcialidades: Mbya, Nhandeva e Kaiowa. As diferenças são de ordem linguísticas e culturais. No Brasil, os Mbya estão distribuídos pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Pará e Tocantins (LADEIRA & MATTA, 2004). No Rio Grande do Sul, predomina a parcialidade Mbya. Em termos populacionais, estimam-se 350 famílias, ou 2500 indivíduos.

Iniciei essa etnografia com a ideia de dialogar nos espaços possíveis, na aldeia e no Facebook, com o compromisso de não opor real ao virtual (LEVY, 2009) ou reduzir a uma mera transposição para o virtual de preceitos do método etnográfico, mas como complementares para a compreensão dessa relação intercultural.

Tudo o que se desenrolou desde aquele encontro até a conclusão da pesquisa está em permanente reflexão e elaboração. Diz muito de sentimento, de espiritualidade, de ancestralidade, de alteridades, de afetar e deixar-se afetar. Alteridade no sentido de relação com os outros, sejam humanos ou não humanos.

As vivências na aldeia e no Facebook foram me envolvendo em um movimento centrífugo de alteridade, um movimento que foi me afetando de tal forma que passei a ressignificar a existência, os valores, as crenças e o comportamento.

A partir dos estudos e das vivências, estabeleci como desafio desenvolver uma narrativa com o cuidado de uma apreensão sensível do mundo (MIGNOLO, 2013), em vez de “visão” de mundo, porque o conceito de “visão” é privilegiado pela epistemologia ocidental, bloqueando afetos e os campos sensoriais, um dos quais, a visão.

O primeiro pernoite

Para a pesquisa, eu planejei várias idas às aldeias. Como muitos indígenas viajam nos meses de dezembro e janeiro, aguardei o mês de fevereiro para a primeira visita. No dia escolhido, embora chovesse muito, não desisti. Local de acesso difícil, região de montanhas e estradas precárias não foram obstáculos.

Percorrer o caminho foi uma aventura. Não conhecia o trajeto. Era terça-feira. Comigo, uma colega experiente na convivência com Mbya de outras aldeias, mas que conhecia o local menos do que eu. Preparadas para o pernoite, saímos de casa no início da tarde. Além do necessário para dormir com um mínimo de conforto, levávamos alimento para consumo próprio, o que nos possibilitaria passar uma noite e um dia com uma alimentação leve. Nosso objetivo era estar na companhia dos nossos anfitriões, nada muito definido.

Até chegar à aldeia, foram muitos pedidos de informações. Em região de colonização alemã, o desconhecimento do dialeto local dificulta a comunicação e a falta de informação dos moradores sobre a existência de uma aldeia indígena retardaram a chegada ao destino. Entre vai-e-volta, é-por-outra-estrada, chegamos à aldeia ao anoitecer.

O cacique João Paulo nos recebeu sorridente e nos acompanhou até a sede do posto de saúde, local reservado ao nosso pernoite, a cerca de 500 metros do prédio da escola. Não havia outras moradias nas proximidades.

Na escuridão da noite, com chuva e atoleiros, o local, uma construção de madeira coberta por telhas de cerâmica, era seco, quente e com banheiro. No local, havia alguns equipamentos de enfermagem, maca, armário de remédios e material para curativos.

Quando abri a janela, observei a noite escura e o voo solitário de uma coruja, assustada pelo movimento repentino. Foi a grande soberana da noite, e mais tarde se encarregou da trilha sonora para embalar de sustos o nosso sono. Esse símbolo de sabedoria ou de agouro estava nos dando um aviso...

Descarregamos os pertences do carro em meio a chuvisqueiro e vento. O mês era fevereiro, mas a temperatura estava semelhante a um dia de inverno gaúcho. O cacique nos fez companhia. Conversamos sobre rotinas da aldeia e as dificuldades no atendimento à saúde indígena. Ele nos informou, então, que iria providenciar a janta, que seria na sede da escola e que voltaríamos a conversar durante a janta. Perguntou o que havíamos trazido para a janta. Apenas um lanche, ele não precisava se preocupar conosco. Vocês não trouxeram nada para fazer a janta? Não... Cheguei a pensar que ele havia estranhado nossos hábitos alimentares. Ele levantou-se, saiu em silêncio. Senti contrariedade na forma abrupta com que se afastou, mas não dei muita atenção ao meu sentimento uma vez que eu mal conhecia nosso anfitrião.

Providenciamos nosso lanche, e aguardamos o retorno dele. Cerca de uma hora de espera e resolvemos ir até a escola. Tudo às escuras. Ouvia-se apenas o barulho da chuva. Ninguém nas proximidades. A porta estava aberta, resolvemos aguardar. Cheias de interrogações e teorias. O que poderia estar acontecendo?

Passado algum tempo, em meio à escuridão, um vulto se dirige a nós. Era o cacique. “Oi, João”, minha colega comentou. “O que houve?”, pergunto, temerosa da resposta. E a resposta foi registrada no meu diário de campo:

Vocês não trouxeram nada de comida. Todo mundo estava esperando, ia ficar reunido. Eu estava na casa da minha mãe, porque eu não tenho comida em casa. Nós tava esperando para reunir todo mundo. Foram dormir sem jantar. Agora já é tarde. Vocês vão descansar e amanhã a gente conversa. (DC, 24/2/2014)

Ainda consegui perguntar: que horas, amanhã? “Vocês têm telefone? Eu ligo.”

Retornamos ao nosso abrigo, inconformadas e sem entender o que acontecera! Eu tentava me valer da experiência da colega, mas ela não havia vivido situação semelhante.

Embora estivéssemos instaladas em local bem distante de qualquer vizinhança, cercada pela mata de um lado, próximos a um precipício que leva em direção ao rio, noite, chuva, escuridão riscada por relâmpagos, não sentíamos medo, mas uma profunda incompreensão.

Eu atribuía o episódio à minha falta de familiaridade com a cosmologia e os costumes. Vasculhei minha memória na tentativa de buscar alguma etapa perdida, alguma orientação esquecida... Nada encontrei! Estávamos em uma situação de fragilidade oriunda do desconhecimento. O melhor a fazer era procurar descansar e aguardar o que poderia acontecer no dia seguinte. A coruja havia avisado?!

Após uma noite insone e de questionamentos, em que o único som ouvido foram os avisos da coruja, ao amanhecer, ainda chovia e fazia frio. Como seria aquele dia?

Em ato automático, consultei o telefone celular, antes mesmo de levantar do leito instalado dentro de uma pequena barraca que tinha o objetivo de nos proteger dos insetos. Havia uma mensagem da professora orientadora. O cacique havia telefonado para ela, perguntando, em síntese, por que não tínhamos levado os alimentos para a janta coletiva, como fora combinado. “Para eles a palavra é muito importante.”

Pelo relato na mensagem, ele já havia compreendido nossa situação. Mas eles realmente haviam ficado sem janta. Ela nos recomendou que procurássemos resgatar os laços, pois “cada dia é um dia para os Guarani, conversem com o coração aberto. Ah já passei por muitos aprendizados desse tipo.” (DC, 26/02/2014)

Ainda sem lembrar de algo prometido, percebi que ocorrera um mal-entendido. E, naquele momento, decidi, se houvessem novos encontros, eu cuidaria pessoalmente das combinações e procuraria não relativizar a importância de nenhuma fala.

A sugestão da orientadora foi recebida como uma possibilidade de salvação daquela situação, cuja dimensão e desdobramentos não tínhamos condições de avaliar. Se o cacique permitisse, procuraríamos resgatar coisas boas nesse encontro, além de procurar compreender melhor esses acontecimentos.

Eram cerca de 8 horas, quando o telefone tocou. Uma saudação bastante cordial e descontraída saudou nosso dia. O tom de fala era bem diferente do diálogo que encerrara a noite anterior. Sim, cada dia é um dia!

Veio ao nosso encontro. Nada daquilo que havia abalado nossa noite e ocupado nossos pensamentos nas últimas horas parecia ter acontecido com ele. Na primeira oportunidade que tive, perguntei se havia algum lugar próximo onde pudéssemos comprar alguns alimentos para um almoço coletivo. Procurei esclarecer que nosso agir havia sido

por desconhecimento e confusão. Ele demonstrou ser uma liderança compreensiva e acostumada a lidar com essas situações. Acompanhou-nos ao mercadinho, localizado a cerca de 5 km de distância da aldeia, percorrendo estradinhas sinuosas, precárias e ladeadas por despenhadeiros e mata cerrada. Adquirimos alimentos suficientes para um almoço coletivo. Ele contribuiu adquirindo parte dos alimentos. O almoço contou com produtos produzidos por eles, como pão de milho e mandioca.

Nesse breve deslocamento, as conversas foram descontraídas. O dia continuava frio e chuvoso, mas passamos a sentir um caloroso aconchego.

Voltamos à aldeia. Enquanto um grupo providenciava o almoço, outros nos faziam companhia em uma roda de conversa, com o inseparável chimarrão.

O cacique, fumando seu petyngúá (cachimbo sagrado), falou-nos da história da aldeia, de como chegaram àquelas terras e como conseguiram ser aceitos pela comunidade local, formada por agricultores descendentes de imigrantes alemães.

A chegada à região e a relação inicial com essa comunidade teve percalços. Eu observei que, no mercadinho, ele havia sido atendido com cordialidade e descontração e que era tratado pelo nome. E ele disse que “hoje já está tudo bem”.

A notícia da chegada do grupo indígena na região gerou muita inconformidade. Houve uma grande mobilização junto às autoridades locais e regionais para evitar que o grupo se instalasse naquelas terras. A articulação política chegou até a Assembleia Legislativa do Estado, mas não conseguiram reverter a situação. As terras onde hoje está a aldeia haviam sido adquiridas como parte da política de compensação pela construção de uma estrada nas terras onde a aldeia estava localizada, há 15 anos atrás.

A literatura especializada nos fala que, tradicionalmente, as comunidades Guarani costumavam se estabelecer espacialmente sem a preocupação em se fixar numa área determinada ou em demarcar limites precisos. Mas essa prática foi se modificando. O constante contato com a sociedade englobante foi impondo mudanças (GARLET, 1997) e hoje os limites territoriais das aldeias são definidos e defendidos com rigor, recorrendo, quando necessário, ao Ministério Público para a defesa do território.

O relacionamento com os moradores das vizinhanças se tornou mais amistoso após a aldeia ter sido convidada para participar de um torneio de futebol, esporte muito apreciado pelos agricultores e atividade de lazer preferida.

O time da aldeia, formado apenas por indígenas, apresentou-se muito bem, fez muitos gols, surpreendendo toda a comunidade. E, a partir desse episódio, os convites

para o futebol se tornaram rotineiros. E a relação com a comunidade se tornou mais amistosa.

Após o almoço, novas histórias. Sobre os pais, os irmãos e os filhos. De coração aberto, contou sua história e a de sua família, Falou de alegrias e melancolias; da infância, das aprendizagens com o pai, da importância da presença da mãe e o quanto a orientação dela é importante nas decisões sobre os destinos da aldeia.

O dia passou muito rápido. Esse episódio foi uma das grandes aprendizagens para a formação de uma pesquisadora intercultural. João Paulo, alguns dias depois, já não lembrava mais, o que reforça a lição da orientadora, é uma vivência no fluxo, cada dia é um dia. Agora, na distância temporal dos acontecimentos, ao pensar a respeito, é preciso reconhecer nosso despreparo para lidar com a situação e a ansiedade que gerou. E a compreensão da liderança uma boa lição!

Esse episódio ilustrou de forma extraordinária os estudos sobre a economia das trocas ou uma perspectiva da economia simbólica da alteridade (VIVEIROS DE CASTRO, 2006), prática que integra a cosmologia indígena. Nessa perspectiva, ao abrir a aldeia a pesquisadores, eles esperam uma contrapartida que contribua para o bem-estar da aldeia – alimentos para a janta coletiva, o que propicia encontros e aprendizagens e novas alteridades.

Iniciei, então, visitas mais regulares às aldeias, em pernoites ou encontros de um dia, de conversas, sempre atenta às interações e postagens no Facebook. Outros sobressaltos vivenciados não tiveram a mesma dimensão daquele dia frio de fevereiro. Foram muitas aprendizagens.

Com as esculturas feitas por eles, como *xivi* (onça), *urucureá* (coruja), *tucã* (tucano), compreendi o significado que os Mbya atribuem a essas obras. Elas possuem um caráter metonímico - não é a figura de um *xivi*, por exemplo, que se adquire ou se ganha de um Guarani – a escultura tem toda a força e a energia que o artesão atribuir ao objeto. Pode significar uma “coragem invencível para lutar por muitas coisas pela aldeia”, como descreveu João Paulo em relação à imagem de um *xivi* publicada no Facebook. As imagens postadas no Facebook também carregam essa mesma energia.

Ao longo do percurso, procurei estudar e relacionar as dimensões do Mbyareko, o jeito de ser guarani, espacialidade e reciprocidade com as trocas e práticas adotadas pelos Mbya no Facebook e observei que o jeito de ser guarani pode até se fortalecer nesse ambiente digital, um espaço sem lugar e de alteridades deslocativas, um modo de estar-

no-mundo herdado dos ancestrais e cuja a continuidade eles procuram manifestar em diferentes contextos (PISSOLATO, 2006), inclusive nas mídias digitais.

Acostumada à convivências com pessoas que, possivelmente por influência europeia, se fecham e não deixam o outro penetrar o escudo invisível com que se cercam, que necessitam se firmar e se impor diante do outro, foi extraordinária a experiência de conhecer e de vivenciar a abertura dos indígenas ao outro. Uma abertura natural nas crianças, o que pude observar desde a primeira vez que estive na aldeia.

Com essa etnografia, o discurso de racionalidade que construí ao longo da vida foi profundamente abalado. Uma vivência que ensina a condição humana em outra dimensão, uma vivência de descolonialidade e de aprendizagem de uma dimensão planetária. Quem não precisa se firmar como identidade, pode se abrir ao outro como condição de existência. Pude viver a afetação como um processo singular de aprender a conviver na alteridade, como um problema de acesso ao outro².

Alteridade como causa e efeito da condição humana, quando o outro está em evidência. Esse outro se constitui como ponto de partida do conhecimento e dá início a infinitas circularidades do conhecimento. Alteridade como uma dimensão dialógica da educação, uma abertura para as coisas naturais da vida.

Muitas foram as aprendizagens e desaprendizagens! Essa vivência permitiu-me deixar aflorar uma apreensão mais sensível do mundo (MIGNOLO, 2013), desbloqueando afetos e campos sensoriais adormecidos. Outras leituras de mundo passaram a acontecer, repercutindo no modo de ser e de estar no mundo, no consumo de bens e na responsabilidade de cada um como parte de uma civilização terrena. Compreendi ser esse um dos caminhos para ensinar e aprender a condição humana e a consciência terrena, em uma ideia de dimensão planetária (MORIN, 2011).

No caminho de uma consciência terrena, em que a união planetária significa aprender a viver, a dividir, compartilhar, o que se aprende somente com as culturas singulares, Morin (2011) é enfático ao afirmar que devemos inscrever em nós uma consciência antropológica, que reconhece unidade na diversidade. Unidade na diversidade é uma leitura de alteridades que emergem, neste caso, da relação entre tempos diferentes, se pensarmos em tempo pré-colonial, colonial e o agora; entre mundos diferentes, o indígena e o não indígena, entre uma visão planetária e um pensar antropocêntrico.

² Manifestação da Dra. Sandra Richter por ocasião da banca de dissertação, em 27/05/2015.

Nesse caminhar, os Mbya fizeram do Facebook um espaço de atualização e revitalização dos sistemas tradicionais, gerando modos criativos e inovadores de interação a partir dessa mídia social.

A conexão com a internet e com as mídias sociais é uma forma de ampliar a rede de contatos, as interações e o potencial de trocas; também é uma oportunidade de conhecer outros mundos e de encontrar outros meios para vivenciar o Mbyarekô. Tornaram-se hábeis ao explorar as potencialidades do ciberespaço, um espaço de alteridades e de formação de redes com toda a comunidade, indígena e não indígena.

Nessas redes, o comportamento dos indígenas para rastrear pessoas no Facebook pode ser uma atualização de uma prática ancestral cujos contornos podem ainda ser identificados ou não seus contornos ou vestígios somente em ambiente digital. O ciberespaço tornou-se um “lugar” de recuperação das raízes ancestrais, facilitado pela mobilidade da Internet, a qual possibilita permanecer fisicamente imóvel e, ainda assim, transpor o espaço e as distâncias, encontrar pessoas, vê-las e ouvi-las, uma “viagem” que guarda semelhança com uma estrutura xamânica de comunicação.

O Facebook, de certa forma, trouxe o caos para dentro da aldeia, houve uma desorganização em relação à vida, aos costumes e à tradição, tanto que os conselheiros das aldeias manifestaram sua preocupação e o cuidado com a repercussão da presença dessas tecnologias dentro das aldeias. Da mesma forma, a chegada de um terceiro, não-indígena, uma pesquisadora falando de tecnologias e de Facebook. Nesse caos, cada um procurou seu próprio caminho de organização, estabeleceram seus rituais. Como refere Balandier (1997), qualquer que seja sua pretensão, o rito é ordem por si mesmo, o rito trabalha para a ordem.

E esses processos que vão se formando com as alteridades Mbya-Guarani podem constituir-se num ritual de cura para equilibrar o modo de ser do não-indígena, de concepção dualista, utilitarista e antropocêntrica com a concepção ameríndia e sua totalidade cosmológica. Há uma profunda relação de completude e incompletude que vai fortalecendo e atualizando o modo de ser guarani e ensinando-nos sobre as aprendizagens das relações interculturais e revelando-nos que outras compreensões são possíveis e necessárias, num contexto planetário. Do jeito deles, os Mbya vão nos mostrando que é preciso religar os conhecimentos e que a reforma do pensamento é necessária. Para isso, é preciso considerar o contexto e o complexo planetário, uma aventura comum que conduz os seres humanos onde quer que se encontrem, reconhecendo que a diversidade cultural é inerente ao humano - a compreensão do outro requer a consciência da

complexidade humana. Indivíduos, sociedade e espécie são co-produtores um do outro (MORIN, 2000), embora poucos se reconheçam nessa relação ou nossa condição humana.

Abrir-se para o outro é a questão! Mas é preciso estar atento, pois a incompreensão de si é fonte de incompreensão do outro. Cada um é, ao mesmo tempo, fim e meio dos outros (MORIN, 2000). A incompreensão possui efeito multiplicador de novas incompreensões, conflitos e sofrimento. A contrário senso, a compreensão de si e do outro gera mais compreensão e contribui para a formação de uma cidadania planetária.

Aprendizagens e desaprendizagens do ponto de vista complexo

Nessas vivências, deparei-me com uma experiência de um *estar-sendo* (KUSCH, 1986), que pode ser considerada uma experiência de raiz messiânica, de natureza, de solo grávido, de se contrapor ao ser ocidental, de ser parte e de estar em permanente diálogo com a natureza. Uma existência de devir, de tornar-se outro. Um libertar-se do querer ser alguém para um estar-sendo que fecunde um sentimento de perenidade. América como um lugar para abalar crenças. Um choque para o ser alguém que se inquieta diante dessa dimensão do estar-sendo (KUSCH, 1986).

Essa dimensão do estar-sendo resiste ao modelo de vida urbana marcada pelo ser e pela disposição de reduzir o homem a uma dimensão econômica, a um problema de coisas (KUSCH, 1986, p. 57), um movimento interno comprometido com a natureza, imobilizado por forças mágicas que dominam sua realidade e que não se alteram com o passar do tempo - é estático; medos e forças mágicas que não se modificam, apesar das mudanças que se operam ao seu redor e resiste à cidade. O estar-sendo se apresenta como um outro modo de ver os problemas e os sentidos da vida, um outro modo de alteridade – a conexão com o outro, a natureza, o cosmo – uma conexão planetária.

Essa mesma dimensão pode estar na tensão entre os jovens e os mais velhos, na força do costume e, mesmo, na determinação para o uso do Facebook. É também o tensionamento entre uma prática ancestral em que as crianças aprendem com os mais velhos, nas histórias contadas à noite, ao redor do fogo, no futebol como processo de alteridade com a comunidade, nos rituais da *opy* e a forma como as tecnologias são usadas individualmente dentro das aldeias. Sim, eles permanecem nas aldeias, vivendo seus rituais, mantendo suas crenças, seguindo os costumes, mas, do seu modo, vão inovando nos processos de resistência, procurando sair de um estado de invisibilidade étnica para uma visibilidade insólita (SOUZA, 1998, *apud* SOARES, 2012).

Durante a pesquisa, encontros e tensões na aldeia e postagens no Facebook foram revelando dimensões do estar-sendo, desde a chegada à aldeia e a forma como lidaram com a desordem causada pelas pesquisadora que não levaram o alimento para o jantar e o esquecimento deste fato pouco tempo depois; o senso estético demonstrado na seleção das imagens que publicam no Facebook, reveladoras de um modo de ser ritualístico e vinculado aos ciclos da agricultura (desde a preparação da terra até a sedução pelo paladar); da força paralisante da natureza na qual o sinal recebido em um sonho determina que não deve trabalhar na construção da *opy* (a casa de rituais); a queda de um raio que determina a troca do lugar reservado para a construção da *opy*; a força do nome guarani revelada no modo como interagem no Facebook; a densa presença do corpo nas imagens postadas no Facebook. Essas são dimensões nas quais *el estático del estar - todo su movimiento es interno y se rige por el compromiso con el ámbito, una permanência de fuerzas mágicas, que no se altera con el traslado* (KUSCH, 1986, p. 94), e que, ao longo das atividades, acompanhei no Facebook e vivenciei na aldeia.

As emoções afloradas pelo impacto das imagens divulgadas em grande número na Internet e no Facebook também contribuem para despertar um sentimento afetoso e a vivenciar relações de uma alteridade jamais imaginada. E me impulsionaram a desenvolver a etnografia no fluxo dos movimentos e das emergências. Mas, a partir do momento em que cheguei nas aldeias e passei a conviver com Mbya de todas as idades, homens e mulheres, crianças, jovens e sábios, a relação afetosa foi também se tornando um devir-nativo e transformou-se em afetação, em mudança de visão de mundo para sensibilidade de mundo, do outro e de mim mesma. Essa afetação possibilitou-me uma aprendizagem profunda, que vem da riqueza das relações interculturais vivenciadas, no permitir-se viver e compartilhar, deixar-se afetar e buscar afetar, num poderoso exercitar de alteridade vivenciada e compartilhada em um ambiente digital como o Facebook, gerando inúmeros processos educativos.

Considerações finais

Os processos que vão se formando com as alteridades Mbya-Guarani constituem-se num ritual de cura para equilibrar o modo de ser do não-indígena com o estar-sendo indígena; a concepção dualista, utilitarista e antropocêntrica buscando o equilíbrio com a concepção ameríndia, na uma totalidade cosmológica. Uma profunda relação de completude e incompletude vai fortalecendo e atualizando o modo de ser guarani e nos

ensinando sobre as aprendizagens das relações interculturais e revelando-nos outras compreensões possíveis.

Como nos ensina Morin (2000) e os povos ameríndios vivenciam, a compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana e de que somos co-produtores um do outro, embora poucos se reconheçam nessa relação.

Abrir-se para o outro é importante! Mas é preciso estar atento! A incompreensão de si é fonte de incompreensão do outro. Cada um é, ao mesmo tempo, fim e meio dos outros (MORIN, 2000). Essa é uma aprendizagem permanente. Mas para que se efetive, é preciso desaprender o preconceito e o utilitarismo antropocêntrico e se colocar no fluxo para converter nossa existência em instrumento de uma cidadania planetária.

Referências bibliográficas

- BALANDIER, G. *A desordem. O elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997
- GARLET, Ivori J. *Mobilidade Mbya: História e Significação*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1997
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2013
- KUSCH, Rodolfo. *América profunda*. Argentina: Editorial Biblox, 1986
- LEVY, P. *O que é virtual?* 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009
- MIGNOLO, W. *Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento – sobre (de)colonialidad, pensamiento fronterizo y desobediência epistêmica*. Fundacion Dialnet, Revista de Filosofia, vol 74, n. 2, 2013, p. 7-23 Disponível em <http://eipcp.net/transversal/0112/mignolo/es>. Acesso em 10 dez 2015.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011
- MORIN, E. EKERN, ANE. *Terra-pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2003
- PISSOLATO, Elizabeth de P. *A Duração da Pessoa: mobilidade, parentes e xamanismo Mbyá Guarani*. Tese. PPGAS. Museu Nacional. UFRJ. RJ. 2006
- SCHADEN, E. *Aspectos fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962
- SOARES, Mariana. *Caminhos para viver o Mbyareko: estudo antropológico do contato interétnico e de políticas públicas de etnodesenvolvimento a partir de pesquisa etnográfica junto a coletivos guarani no Rio Grande do Sul*. Tese. UFRGS, 2012
- VIVEIROS DE CASTRO, E. *A inconstância da alma selvagem*. 2ª ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2006